

CONHECIMENTO DAS MÃES ACERCA DA VIOLÊNCIA INFANTIL

MOTHERS' KNOWLEDGE ON CHILD ABUSE

Artigo Original

Talita Vaz de Queiroz¹
Antonia Aldenira de Freitas Araujo¹
George Jo Bezerra Souza²
Julio Cesar de Oliveira Silva³
Aline de Souza Pereira⁴

RESUMO

Em crianças, a violência é comumente praticada por pais, mães ou responsáveis, sobre a alegação de que é necessária para a educação, ocorrendo assim através de castigos ou punições. A pesquisa objetivou analisar a percepção das mães acerca da violência infantil. Trata-se de um estudo do tipo descritivo, de abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada no município de Fortaleza-CE, no período de Julho 2015. Foi realizado estudo com 10 participantes, com média de idade de 21 a 76 anos. A maioria das mães quando questionadas se achavam que a palmada afetava seu filho de uma forma negativa responderam que não, duas justificaram que batiam porque o filho tirava sua paciência, então faziam como uma forma de educá-lo. Percebeu-se que o conhecimento das mães sobre violência ainda é limitado, a maioria não acha que palmadas e gritos são formas de violência e acreditam que são uma forma de educação válida.

Palavras-chave: Violência; Criança; Mães; Conhecimento.

ABSTRACT

In children, violence is commonly practiced by fathers, mothers or guardians, on the claim that it is necessary for education, occurring so through different punishments types. The research aimed to analyze the perception of mothers on child abuse. This is a descriptive study with qualitative approach. The survey was conducted in the city of Fortaleza, during July 2015. The study was held with 10 participants, with ages from 21 to 76 years. Most of the mothers when asked if they thought that spanking could affected their child in a negative way, answered no and two justified to spank children because they took their patience; therefore, they made it as a way of educating their children. It was noticed that the mothers' knowledge about violence is still limited, most do not think that slaps and shouts are forms of violence and believe that it is indeed a valid educational way.

Keywords: Violence; Child; Mothers; Knowledge.

¹ Enfermeira. Graduada pela Fanor – DeVry Brasil.

² Discente de Enfermagem Fanor – DeVry Brasil.

³ Discente de Enfermagem Fanor – DeVry Brasil. E-mail: juliocesar_x-japan@hotmail.com

⁴ Enfermeira. Especialista em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente Fanor – DeVry Brasil e Estácio FIC.

INTRODUÇÃO

A violência é um fato social, ela esteve e está presente em todas as sociedades, seja por uso de força, poder ou privilégios em indivíduos, grupos e coletividades. A violência que ocorria na idade média, por exemplo, não é a mesma vivenciada hoje. Entretanto, há formas de violência que persistem no tempo, sendo um exemplo a violência intrafamiliar, que é aquela em que ocorre uma submissão de um membro da família a outro. Ela é uma das mais enraizadas culturalmente, pois é vista pela sociedade como aceitável e por muitas vezes necessária. Em crianças é comumente praticada por pais, mães ou responsáveis, sobre a alegação de que é necessária para a educação, ocorrendo assim através de castigos ou punições⁽¹⁻³⁾.

A violência intrafamiliar contra a criança pode ocorrer na forma de negligência, abuso físico, psicológico e/ou sexual. É algo que corre através das gerações onde avós praticaram com os pais, que praticam com seus filhos, estes praticam com os filhos deles, e assim sucessivamente, causando um efeito cascata⁽²⁻⁴⁾.

A violência infantil acarreta vários danos a curto e longo prazo. Dificuldade de se expressar, isolamento, comportamento inapropriado, humor infeliz, dificuldades de aprendizado e doenças psiquiátricas são apenas alguns dos efeitos da violência causados nessas crianças^(1,5,6).

A pesquisa objetivou analisar a percepção das mães acerca da violência infantil, através da descrição do conhecimento das mães sobre as formas de violência e se elas identificam quais as consequências da violência infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, de abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada no município de Fortaleza-CE, no período de Julho 2015, durante um bazar promovido pela Associação pela Melhoria da Enfermagem – AME, na Praça Monsenhor Linhares, localizada na Regional III. As mães foram convidadas a participar de um estudo sobre violência infantil e após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido respondiam as perguntas do questionário. Ao total foram entrevistadas 10 mães de idades variadas, que foram identificadas pela letra M seguida de números (ex: M1) para garantir o anonimato e facilitar a análise e interpretação dos dados. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário contendo as seguintes perguntas:

- Dados Pessoais, como: Nome, idade, estado civil, escolaridade, profissão/ocupação, renda familiar, quantos filhos e número de pessoas que reside na casa.

- Questionário: Se ela já sofreu alguma violência física de pais/responsáveis quando crianças, se sim, o que sentia e se ela acha hoje que era uma boa forma de educação; se acha que gritar com o filho é violência, se já bateu no filho como forma de educação e se acha que palmadas podem afetar o filho de alguma forma ruim e se sim, porque?; se ela acha que já praticou

alguma violência física ou psicológica com o filho, se sim, qual e for fim, para ela o que é violência.

Inicialmente, quando ocorreu a aproximação, elas aparentaram-se receosas com o tema violência infantil, mas depois de explicado que era uma pesquisa realizada durante a graduação e explicado que os dados divulgados não viriam com o nome delas, garantindo, assim, seu anonimato e que em qualquer momento elas poderiam se recusar a participar ou terem suas respostas divulgadas, elas aparentaram mais tranquilidade. Tentou-se afastá-las individualmente para um local mais privado, visto que estávamos em uma praça, para que elas falassem mais abertamente e com menos receios.

Algumas mulheres abordadas se negaram a participar da pesquisa, demonstrando receio e alegando que estavam com pressa, atrasadas. Uma delas também alegou que não era a pessoa ideal para responder aquele tipo de perguntas.

Análise dos dados foi feita através do método análise de conteúdo, que segundo estudo⁽⁷⁾, é uma análise das comunicações que através de procedimentos sistemáticos e objetivos descreve o conteúdo da mensagem.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Academia Cearense de Odontologia através do CAAE nº 47053315.3.0000.5034 e parecer nº 1.153.695.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi realizado estudo com 10 participantes, com média de idade de 21 a 76 anos e com nível de escolaridade entre ensino fundamental I incompleto e ensino médio completo.

O número de filhos variou entre 1 a 7 e o número de pessoas que moram na casa entre 1 e 8 pessoas. Quanto a renda familiar a variação foi de menos de 1 salário até 3 salários, 1 participante não respondeu.

Quanto ao estado civil, 5 participantes são casadas, 3 são solteiras e 1 é viúva e 1 não respondeu. Após a leitura e análise dos questionários, identificamos as seguintes categorias:

I – Violência física de pais/responsáveis durante a infância

A maioria das mães (sete) relataram que não sofreram violência física durante a infância, mas disseram que não consideravam palmada/bater como forma de violência física. Uma das entrevistadas falou:

Acho que é uma boa forma de educação sim, porque quando podia bater, não tinha essas coisas de filho bater em pai [...] (M3)

Das mães citadas acima, três (M3, M6 e M9) achavam que palmada/bater nos filhos era uma boa forma de educação e todas as sete relataram já terem batido nos seus filhos como forma de educação.

Já bati sim, não vou mentir, porque às vezes filho estressa a gente, mas não batia pra tirar sangue.

Às vezes a pessoa empurra e a criança cai e que tira sangue, aí isso já se tornou uma violência [...] (M3)

Já as mães que acreditavam terem sofrido violência física (três), quando perguntadas o que sentiam, duas (M4 e M5) disseram que era para sua aprendizagem e uma (M7) disse que aprendia a não fazer mais o que a levou a essa violência.

As três que relataram que sofreram violência disseram que não acreditam que é uma boa forma de educação, duas (M4 e M7) acham que gritar com seu filho é uma forma de violência e essas duas já bateram nos seus filhos como forma de “educação”.

Os meninos de hoje em dia são muito atrevidos [...] (M4)

Autores como Silva, Souza, Santos e Njaine, apontam que a violência é algo que ocorre através das gerações, que o pai pratica com o filho, que pratica com o filho deste, as mães entrevistadas aparentemente seguiam essa linha de conduta e não percebiam isso, mesmo as que acreditavam terem sofrido violência física.^(2-4,6)

II – A palmada afetando o filho

A maioria das mães (oito) quando questionadas se achavam que a palmada poderia afetar seu filho de uma forma negativa responderam que não, duas (M8 e M9) justificaram que batiam porque o filho tirava sua paciência, então faziam como uma forma de educa-lo. Uma participante (M10) justificou que quando o filho era teimoso e lhe faltava o respeito, as palmadas poderiam ser necessárias.

Quando os pais podiam bater mais severo não tinha a violência que tem hoje [...] (M3)

Apenas duas mães acreditavam que palmada poderia sim afetar o filho de uma forma negativa, uma (M2) (bate como forma de educação) acredita que quando se bate e não se presta atenção onde é, este ato pode afetá-lo. Já outra mãe (M5) acha que o filho poderia ficar revoltado.

Na literatura vemos que a pratica de violência pode afetar a criança, causando alterações de personalidade, comportamento. A mesma também está ligada ao baixo rendimento escolar, isolamento social^(1,2,8).

Entretanto, nenhuma mãe aparentou preocupação quando ao desenvolvimento biopsicosocial do filho, mesmo as que relataram sofrer violência física quando crianças, perceberam esta violência como forma de educação^(8,9).

III – Prática de violência física ou psicológica

Seis mães não acreditam que já praticaram violência física ou psicológica com seus filhos. Quatro mães disseram que já praticaram violência, mas três (M4, M9 e M10) não quiseram responder qual foi o ato de violência e apenas uma (M5) relatou dar uma “chinelada” no seu (s) filho (s).

Como a literatura nos aponta, a violência física ainda é a mais percebida atualmente, a única mãe que percebeu e relatou a prática, apontou justamente essa forma. Contudo, estudos mostram que a violência psicológica pode causar mais danos que a violência física, por ela poder se perpetuar por muitos anos sem que aja uma intervenção e por não ser visível fisicamente^(1,3,10,11).

IV – Violência na visão das mães

Na visão de algumas mães (M1, M2, M3, M5, M7 e M8) violência é quando tem agressão, quando bate muito forte, quando sai do controle, se desequilibra e tira sangue.

Três mães (M4, M9 e M10) falaram que é quando a pessoa mata, assalta, quando bate em pessoas na rua, quando não tem Deus no coração, mesmo após responder perguntas sobre violência infantil, não citaram algo relacionado ao tema.

Apenas uma mãe (M6) disse que violência é quando maltrata, deixa marcas, tanto psicológicas, quanto físicas e quando não educa o filho.

Só bati na minha filha uma vez quando ela era criança, ela lembra desse dia até hoje depois de adulta, percebi que traumatizou ela, ela até se afastou de mim, só queria ficar com o pai, depois disso nunca mais bati nela [...] (M6)

Novamente há a percepção mais fácil da violência física, com apenas uma mãe apontando a violência psicológica e talvez tentando falar da negligência de não educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que o conhecimento das mães sobre violência ainda é limitado, a maioria não acha que palmadas e gritos são formas de violência e acreditam que seja uma forma de educação válida. Algumas acreditam que apenas formas que são facilmente perceptíveis, como as que deixam marcas graves, são caracterizadas como violência.

Poucas mães acham que praticaram violência com seus filhos e a maioria que disse sim, não quis comentar o assunto.

Violência infantil ainda é um tema que precisa ser muito discutido entre a população, para que se possa pensar em estratégias de mudança dessa realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Iniciação Científica e Tecnológica - PICT por ter nos proporcionado a realização de tal pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Abranches CD, Assis SG. A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cad. Saúde Pública*. 2011 Mar; 27(5): 843- 854.
2. Njaine K, Assis SG, Constantino P (Org). *Impactos da Violência na Saúde*. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz. 2009.
3. Casa Civil (BR). Decreto-lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília (DF): CC, 1990.
4. Silva MCM, Brito AM, Araújo AL, Abath MB. Caracterização dos casos de violência física, psicológica, sexual e negligências notificados em Recife, Pernambuco, 2012. *Epidemiol. Serv. Saúde*. 2013 Jul-Set; 22(3): 403-412.
5. Frota MA, Martins HFC, Gonçalves LMP, Filho OAS, Casimiro CF. Percepção da criança acerca da agressão física intrafamiliar. *Cienc. Cuid. Saúde*. 2011 Mar; 10(1): 040-050.
6. Souza RG, Santos DV. Enfrentando os maus-tratos infantis nas Unidades de Saúde da Família: atuação dos enfermeiros. *Physis*. 2013 Jul; 23(3):783-800.
7. Bardin L. *Análise de Conteúdo [Reimpressão]*. Lisboa: 70ª Ed., 2007.
8. Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R (Org.). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Geneva, Organização Mundial da Saúde, 2002.
9. Fonseca FF, Sena RKR, Santos RLA, Dias OV, Costa SM. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev. paul. pediatr*. 2013 Jun; 31(2): 258-264.
10. Lobato GR, Moraes CL, Nascimento MC. Desafios da atenção à violência doméstica contra crianças e adolescentes no Programa Saúde da Família em cidade de médio porte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2012 Jun; 28(9): 1749-1758.
11. Silva RCR, Assis AMO, Hasselmann MH, Santos LM, Pinto EJ, Rodrigues LC. Influência da violência familiar na associação entre desnutrição e baixo desenvolvimento cognitivo. *J. Pediatr. Rio J*. 2012 Mar-Abr; 88(2): 149-154.

Recebido em: 14.03.2016

Aprovado em: 20.04.2016